

Ivan Junqueira

## Ó deâmbula alma inquieta

Animula vagula, blandula,  
Hospes comesque corporis (...)

Publius Aelius Hadrianus

Ó deâmbula alma inquieta,  
por que te moves às cegas  
nesse ermo que se enovela  
entre o que és e o que pareces?

Por que te pões tão secreta,  
se debaixo de teus véus  
todos logo te percebem  
nos mil papéis que interpretas?

Por que temes, alma inquieta,  
esse dia em que, perplexa,  
souberes que não te hospedam  
o paraíso ou o inferno?

Não te basta o que é terrestre  
e se dá à flor da pele?

Por que buscas o mistério  
no abismo que desconheces?

É por angústia que o anelas  
ou só por gula das trevas  
que, profundas, te apetecem  
como as carcaças ao verme?

É pela luz que, feérica,  
confias ver entre as vértebras  
da solidão que te cerca  
desde que ao mundo vieste?

Sê mais sábia, ó alma inquieta,  
e concede que te levem  
as águas em que navegas  
sem bússola ou planisfério.

Sê mais sábia – e não espera  
que te curem das mazelas  
esses deuses a quem rezas  
e que, surdos, te desprezam.

